

## Uso da Hashtag #Somostodosmaju como Luta Contra o Racismo a Pessoas Negras<sup>1</sup>

Hadaissa Caroline Oliveira de MENEZES<sup>2</sup>  
Aleta Tereza DREVES<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Acre, UFAC.

### RESUMO

O surgimento das novas tecnologias proporcionou a criação de novos meios de comunicação, como as redes sociais, que geraram novas formas de interação. Este artigo é resultado do trabalho monográfico para conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – UFAC. Procurou compreender se o uso da *hashtag* #somostodosmaju contribuiu para a luta contra o racismo a pessoas negras. Para fundamentação deste trabalho foram utilizados autores que abordam o tema do racismo e das redes sociais, como Stuart Hall, Raquel Recuero, André Lemos entre outros. Para realização da pesquisa utilizamos a metodologia de pesquisa exploratória, com aplicação de questionário e análise de postagens da rede social *Twitter*.

**PALAVRAS-CHAVE:** racismo; internet; redes sociais; *hashtag*; *twitter*.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A comunicação se transforma ao longo dos anos, principalmente após a popularização da internet. Nasce uma nova sociedade, denominada de Sociedade da Informação, onde, a liberdade de expressão e a comunicação em rede facilitam a interação entre pessoas, sem levar em consideração os limites geográficos. Dentro da internet, as redes sociais proporcionam novas possibilidades para discutir assuntos relevantes ou não, permitem realizar negócios online, encontrar novos amigos e manter as comunicações à distância.

O mundo da comunicação sem barreiras beneficia a globalização, a liberdade de expressão, mas por sua vez, aprofunda problemáticas como o racismo virtual (ou *cyberbulling*<sup>4</sup>) proliferado nas redes sociais. Entretanto, deve-se deixar claro que estas redes, ao mesmo tempo que destacam esse tipo de crime, também são um espaço de luta e combate à discriminação racial.

A jornalista e apresentadora de TV, Maria Julia Coutinho, vivenciou situações constrangedoras através das redes sociais. Figura pública, com a carreira consolidada, foi alvo do racismo e da defesa contra ele. Diante deste caso e da polêmica causada por

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Comunicação Multimídia do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo, pela Universidade Federal do Acre - UFAC, email: hadassacarolineol@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho e Professora da Universidade Federal do Acre – UFAC, email: aleta.ac@gmail.com.

<sup>4</sup> Cyberbulling ou racismo virtual é o um crime previsto no Código Penal Brasileiro. É caracterizado como práticas criminais que envolvem, por exemplo, injúria, difamação, ameaças por texto, ou qualquer outro aspecto que venha causar mal a outro indivíduo.

ele, o objetivo principal do presente trabalho é compreender a contribuição dessa manifestação, através do uso da #somostodosmaju, na rede social do *Twitter*, na luta contra o racismo a pessoas negras.

## CONCEITO DE RACISMO

O Brasil é um país mestiço, de muitas raças, cores, religiões, culturas e, acima de tudo, é democrático. Assim é formulado o discurso de um país que prega a “democracia racial”. Entretanto, nem todas as pessoas possuem uma consciência democrática. Na realidade, o racismo e a falta de democracia racial está inteiramente ligado ao cotidiano brasileiro. Mas, antes de compreendermos a questão racial no Brasil, é preciso entender o conceito de racismo.

Segundo Duarte (2006), conceitua-se racismo o preconceito por conta de diferenças físicas, como a cor da pele, textura do cabelo, além de diferenças culturais e religiosas e, levando em consideração essas características, acreditar que o negro é inferior e pertence a uma raça subalterna. Nesse contexto, o artigo 2 da Declaração Sobre Raça e os Preconceitos Raciais<sup>5</sup>, declara que:

O racismo engloba ideologias racistas, atitudes motivadas por preconceitos raciais, comportamentos discriminatórios, disposições estruturais e práticas institucionalizadas causadoras de desigualdade racial, bem como a noção falaciosa de que as relações discriminatórias entre grupos são moral e cientificamente justificáveis; manifesta-se através de disposições discriminatórias na legislação e regulamentos, bem como de convicções e atos antissociais; compromete o desenvolvimento das suas vítimas, perverte quem o pratica, divide internamente as nações, impede a cooperação internacional e dá origem a tensões políticas entre os povos; é contrário aos princípios fundamentais do direito internacional e, conseqüentemente, perturba seriamente a paz e a segurança internacionais.

Pode-se dizer então que o racismo defende a hierarquia de determinados grupos em detrimento de outros. De acordo com Banton (1979) *apud* Seyferth (2002), o termo racismo surgiu na década de 1930, também baseado na ciência:

O próprio termo “racismo” surgiu na década de 1930 para condenar as doutrinas que dizem que a raça determina a cultura - o chamado “racismo científico”; como conceito, racismo diz respeito às práticas que usam a ideia de raça com o propósito de desqualificar socialmente e subordinar indivíduos ou grupos, influenciando as relações sociais. (SEYFERTH, 2002, p. 28).

---

<sup>5</sup> A Declaração Sobre Raça e os Preconceitos Raciais, foi adaptada e proclamada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, na sua 20.<sup>a</sup> sessão, em Paris, no dia 27 de novembro de 1978.

---

Seyferth (2002) lembra que essa diferenciação entre grupos ocorre desde a antiguidade. Foram os gregos que iniciaram a discussão da diferença entre as raças (termo que não existia na época). A população era dividida em gregos e não gregos, os chamados bárbaros<sup>6</sup>.

Após a descoberta das Américas, no século XVI, o termo bárbaro foi associado ao canibalismo, para classificar os negros e índios encontrados na selva. A cor da pele branca, passou a ser usada para diferenciar os Europeus, dos povos descobertos nas Américas, de acordo com Seyferth (2002).

Anos mais tarde, a diferenciação entre as raças passou a ser justificada pela ciência, a cor da pele negra era consequência da natureza, definida pela quantidade de luz solar. No século XVIII, essas características foram transformadas num “dos primeiros critérios classificatórios das hierarquias raciais produzidas pela ciência” (SEYFERTH, 2002, p. 20). Dessa forma, o negro foi tachado de selvagem e não civilizado, e um povo não civilizado não poderia racionalizar ou fazer parte de uma sociedade.

Para Hall (2015) a raça não pode ter validade científica ou biológica, pois existem vários tipos de raças. Ela não é definida pela biologia, mas pelo discurso de cada povo. Ele afirma que:

A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizada daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais etc – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2015, p. 37).

Nos últimos anos, a raça tem deixado de ser uma questão científica e se tornado questão cultural. Porém, assim como esclarece Hall (2015), saber que a raça não é mais um caráter científico, não muda o pensamento de que os negros são uma raça inferior por questões cientificamente explicadas.

## **MÍDIAS DIGITAIS**

A globalização e as mídias digitais alteraram o modo como as pessoas se comunicam entre si. Como foi citado anteriormente, não existe uma distância entre

---

<sup>6</sup> Conforme Pagden (1982, p. 15-7), citado por Seyferth (2002), é um termo usado como antônimo de civil e político, já que os gregos consideravam os bárbaros desprovidos de razão e, conseqüentemente, incapazes de formar sociedades civis.

populações de lugares distintos. A noção de espaço-tempo foi modificada pelo surgimento dos computadores e da internet.

A cibercultura é caracterizada pela formação das novas tecnologias que propiciam a interação entre as pessoas pelas mais diversas formas de comunicação. Lemos (2002) afirma que ela vai se desenvolver com o surgimento da informática e a cibernética nos anos 50, começa a se tornar popular com a criação do microcomputador, nos anos 70 e se consolida nos anos 80 e 90, com a informática de massa e com as redes telemáticas, principalmente após a popularização da internet, o que auxiliou a formação desse novo espaço de sociabilidade.

A cibercultura amplia as possibilidades de obter conhecimento, de vários lugares, em várias línguas e formas. É uma nova possibilidade de trocar informações, que antes poderíamos ter apenas por meio de livros, por exemplo. Além disso, podemos deixar de ser um leitor passivo, para se tornar ativo, para ser um produtor de conteúdos informacionais, e criar nichos de leitores que tenham interesses em comum.

A cultura moderna juntamente com as novas tecnologias digitais, vai criar uma relação entre a vida em sociedade com o tecnológico, que resultará o que conhecemos como cibercultura. Como afirma Lemos, “a cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada” (LEMOS, 2002, p.93), isso vai melhorar a comunicação, ampliá-la e proporcionar uma troca de informações de diferentes formas.

A quantidade de informação disponível hoje na grande rede mundial de computadores nos coloca em uma esfera comunicacional ímpar e rica, onde, pela primeira vez, podemos ter acesso a obras (sob os mais diversos formatos) mediados pelos instrumentos da indústria massiva (editoras, gravadoras, jornais, revistas, televisão, rádio), mas, também, e é aqui que podemos ver a riqueza da cibercultura, produtos livres, criados por qualquer pessoa, sob qualquer modulação midiática, de qualquer parte do globo, circulando livremente, alimentando os nichos excluídos da cultura massiva. O estímulo aqui é para o aumento da diversidade, da pluralidade, da diferença, da liberdade (LEMOS, 2010, p. 93-94).

Os novos *medias* digitais, proporcionados pelo ciberespaço, transformaram a relação entre as pessoas e tornou o mundo em várias e grandes aldeias globais. A partir da cibercultura não existe mais um espaço delimitado por fronteiras ou culturas homogêneas. O que se tem são culturas plurais que estão conectadas umas com as outras.

A cibercultura vai criar uma simulação do cotidiano desses conglomerados conectados entre si. Como sugere Lemos (2002, p. 96), é a simulação do real através do virtual: “a cibercultura surge com os media digitais, ou seja, com a informática, as redes telemáticas, o multimídia interativo, a realidade virtual”. Ela é considerada uma extensão da realidade, uma nova forma de cultura, seria o mais novo desenvolvimento da linguagem. É nesse novo contexto que vão surgir as redes sociais que fazem parte do ciberespaço.

### ***Twitter***

O *Twitter* é uma rede social considera microblog, devido a estrutura que permite digitar textos pequenos de até 140 caracteres. Desenvolvido em 2006, por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, como um projeto da empresa Obvious. Nesta rede social o usuário pode criar um perfil, seguir e ser seguido por amigos. Podemos também enviar mensagens direcionadas para os amigos, compartilhar fotos, vídeos e links.

Apesar de muito conhecida no Brasil e no mundo, o *Twitter* ainda era pouco utilizado até 2008, quando o Ibope/Net Ratings, no Brasil apenas um milhão de pessoas possuem um perfil, sendo que apenas 140 mil seriam recorrentes<sup>7</sup>.

Uma das características mais importantes do sistema é que permite sua API seja utilizada para a construção de ferramentas que utilizem o *Twitter*. Isso fez da ferramenta extremamente popular, sendo utilizadas em inúmeras iniciativas, como o Summize, ferramenta de busca no sistema que posteriormente foi adquirida pelo *Twitter* e tornou-se sua busca “oficial” (RECUERO, 2009, p. 173).

A *hashtag* é outra ferramenta bastante utilizada no *Twitter*. O recurso é usado para falar sobre assuntos que estão “bombando” na web, para que eles sejam encontrados em um único tópico, por meio do sistema de busca do site. É sobre a *hashtag* que discorremos a seguir. Foi utilizando esse recurso do *Twitter* (também presente no *Facebook* – incorporado ao site recentemente – e *Instagram*), que populares manifestaram apoio a jornalista Maria Júlia Coutinho (Maju), vítima de racismo na página do *Jornal Nacional*, no *Facebook*. A tag #somostodosmaju, foi parar no topo do *trending topics*.

### ***Hashtag (#)***

*Hashtag* é uma palavra-chave criada quando os usuários de redes sociais acrescentam as suas mensagens o símbolo # (*hash*, em inglês) e mais conhecido no

<sup>7</sup> Ver Raquel Recuero, 2009.

Brasil como “jogo da velha”. O recurso permite que as pessoas, com interesses em comum, encontrem o assunto por meio da ferramenta “buscar”, do site ou da rede. A *hashtag*, quando inserida no post do *Twitter*, por exemplo, aparece como um hiperlink. Basta o usuário colocar na mensagem, por exemplo, a *hashtag*: #savemarinajoice, clicar na palavra chave e pronto, todas as publicações de usuários do mundo inteiro, que estão falando sobre o assunto, irão aparecer.

A *hashtag* não foi uma ferramenta pensada pelos criadores do *Twitter*, segundo Silveira (2013), mas foi estudada pelos usuários como uma forma de acrescentar funcionalidades ao site. A ideia era criar grupos para reunir pessoas com interesses semelhantes em torno de um assunto. A *hashtag* foi usada pela primeira vez no *Twitter* em 2007, por Chris Messina, quem pensou em incorporar o recurso, inspirado no sistema IRC<sup>8</sup>, na rede social.

No entanto, foi apenas em 2009 que o *Twitter* fez da *hashtag* um hiperlink e também criou uma listagem de todas as publicações falando sobre o assunto, no chamado *trend topics*, ou assuntos do momento. Para um assunto se tornar o mais comentado no *Twitter*, é preciso replicar a *hashtag* várias e repetidas vezes por usuários do mundo inteiro.

### **CASO #somostodosmaju**

Maria Júlia Coutinho tem 38 anos e é formada pela Faculdade Cásper Líbero, da Fundação Padre Anchieta, em São Paulo. Trabalhou como repórter na TV Cultura, por três anos. Em 2005, passou a apresentar o “Jornal da Cultura”, juntamente com Heródoto Barbeiro. Também apresentou o “Cultura Meio Dia”, na mesma emissora. Em 2007, a jornalista começou a trabalhar na Rede Globo, onde passou por alguns jornais até se tornar a garota do tempo no ‘Jornal Nacional’, da TV Globo. Ela foi a primeira mulher negra a assumir o cargo na emissora, no dia 27 de abril de 2015. Quase dois meses após ficar à frente do cargo, Maju<sup>9</sup> foi alvo de comentários maldosos no Facebook, depois que o JN publicou uma foto da jornalista para falar da previsão do tempo. A imagem recebeu centenas de comentários racistas e preconceituosos.

Os ataques aconteceram na noite do dia 2 de julho de 2015, Dia Nacional do Combate à Discriminação Racial. No dia seguinte, diversos jornais brasileiros noticiaram o caso e mostraram total repúdio contra os criminosos e a notícia repercutiu

<sup>8</sup> No IRC usava-se o símbolo # mais nome do canal para dizer que aquela publicação pertencia a um determinado grupo.

<sup>9</sup> Maria Júlia Coutinho é chamada carinhosamente de Maju.

mais ainda nas redes sociais. Após os ataques, a Polícia Civil do Rio de Janeiro começou a investigar o ato criminoso. As investigações apontaram que os ataques foram coordenados por cerca de 50 criminosos que posteriormente foram identificados. Um deles, Tiago Zanfolim Santos, de 26 anos, que reside na Bahia, foi preso em março de 2016. Ele alegou que a página que administrava teria sido *hackeada*<sup>10</sup>, entretanto, a polícia verificou que os ataques racistas contra Maria Júlia Coutinho teriam sido disparados do computador dele, de acordo com matéria publicada pelo G1 Bahia<sup>11</sup>.

Com a repercussão dos comentários preconceituosos, muitos famosos, artistas, jornalistas e populares manifestaram apoio à Maria Júlia Coutinho. Repudiaram os ataques, compartilharam mensagens de apoio a ela e pediram um país sem racismo. Na época, os apresentadores do Jornal Nacional, William Bonner e Renata Vasconcelos gravaram um vídeo, juntamente com sua equipe, onde eles diziam não aceitar o ocorrido com a colega de trabalho e lançaram a *hashtag* #somostodosmaju. O vídeo foi publicado na página oficial do JN no *Facebook*.

O caso de racismo contra a jornalista, trouxe à tona novamente a história do país da falsa democracia racial. Onde as pessoas dizem viver em uma sociedade igualitária, quando na verdade escondem o preconceito que ainda existe contra indivíduos negros, considerados fora dos padrões impostos pela sociedade, e não aceitam que uma pessoa negra ocupe uma posição na mídia, por exemplo, que antes era lugar apenas de mulheres brancas.

A violência contra pessoas negras não é particularidade do século XXI, ela sempre existiu, mas antigamente era realizada somente de forma presencial, era considerada uma agressão momentânea, pois não tinha repercussão fora do espaço onde ela ocorria. Porém, com o advento da web 2.0, das redes sociais, e da nova forma de interação globalizada, que criou novos modos de se relacionar e até mudou valores éticos e morais, e claro, trouxe novos conflitos sociais, mudou também a forma como as pessoas discriminam as outras.

Um desses novos conflitos foi levar a violência, contra pessoas negras, também para o mundo virtual. Essa nova ferramenta que pode ajudar a disseminar a discriminação racial, traz ainda mais transtornos psicológicos e emocionais para os

<sup>10</sup> Quando uma página é hackeada, diz-se que ela foi alvo de hacker. Os hackers invadem sistemas de computadores e podem alterar informações. Segundo André Lemos (2002) o hacking é uma mistura de romantismo e vandalismo, altruísmo e individualismo, compartilhado por um sentimento em grupo.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/03/homem-e-preso-em-operacao-contrataques-racistas-tais-araujo-e-maju.html>. Acesso em Junho de 2016.

agredidos, pois os comentários nas redes se propagam rapidamente, como um vírus, e nunca acabam, não desaparecem da web. Esse preconceito virtual é chamado de *bullying* virtual ou *Cyberbullying*<sup>12</sup>. Entretanto, as redes sociais trouxeram inúmeros benefícios para a sociedade, elas se põem como um lugar para disseminar protestos sociais, criar mobilizações políticas, além de facilitarem a interação e troca de informações entre as pessoas.

No entanto, como afirma os autores, Wanzinack e Reis (2015, p. 3), as redes sociais também trazem comportamentos tanto construtivos quanto destrutivos: “Em alguns casos, podem incitar determinadas atitudes, podendo gerar violências que se propagam tanto no âmbito virtual, através de mensagens agressivas (verbais, escritas ou imagens), quanto ser externalizada a outras pessoas sob forma de agressões físicas presenciais”. A prática do *cyberbullying* nas redes sociais talvez seja facilitado pelo baixo custo de manutenção, pela facilidade em criar um perfil e o anonimato.

### **Redes sociais: ambiente intolerante**

Uma pesquisa intitulada ‘Dossiê Intolerâncias Visíveis e Invisíveis no Mundo Digital’, realizada pelo ‘Comunica que muda’<sup>13</sup>, revelou que as redes sociais se configuram como um ambiente hostil e intolerante, onde pessoas, que muitas vezes usam um perfil falso – também denominado de *Fake* - propagam mensagens preconceituosas contra negros, homossexuais, políticos, religiosos, etc.

Durante três meses (abril a junho de 2016) o blog acompanhou dez tipos de intolerância em relação à: aparência, classe social, deficiência, opção sexual, idade, cor da pele, religião, além de monitorar casos de xenofobia e misoginia. Foram analisadas 393.284 menções sobre os dez temas. Mais de 84% delas eram negativas, ou seja, mais da metade de todas as menções feitas. O que chama mais atenção na pesquisa é a quantidade de menções negativas direcionadas a duas questões: racismo e política, 97,6% e 97,4% respectivamente. Esses números são alarmantes e deixam claro que vivemos em uma sociedade intolerante, que não aceita as diferenças, embora vivamos em um país de miscigenações, de várias raças, cores, línguas e consumes.

<sup>12</sup>Cyberbullying é crime e está previsto no Código Penal Brasileiro. É caracterizado como práticas criminais que envolvem, por exemplo, injúria, difamação, ameaças por texto, ou qualquer outro aspecto que venha causar mal a outro indivíduo. Ver Wanzinack e Reis, 2015, p. 9.

<sup>13</sup>Comunica que muda é um blog de comunicação da nova/sb que visa o interesse público. O grupo realiza diversas pesquisas, campanhas e ações de comunicação em prol da sociedade. O objetivo do blog, como o grupo se intitula, é gerar debate e trazer mudanças sociais. Ver em: <http://www.comunicaquemuda.com.br/sobre-nos/>.

Em três meses foram feitas 273.752 menções sobre política, em todas as redes sociais, como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, blogs, etc, contra 32.376 menções relacionadas ao racismo. Embora o número de menções seja maior em política o percentual de comentários negativos com relação ao racismo foram quase 100%. O Dossiê revela ainda dados da intolerância por unidade da Federação. Dos 27 estados, o que mais apresentou menções negativas foi o Rio de Janeiro. Foram mais de 58 mil menções, sendo que 0,352% eram intolerantes. São Paulo ficou em segundo lugar no *ranking* da intolerância, com mais de 50 mil menções, sendo 0,114% negativas. Em seguida vem o estado de Minas Gerais, com 20.904 menções, 0,100% eram comentários negativos. O estado do Acre também aparece embora seja o último colocado, foram registradas 399 menções, onde 0,050% delas eram negativas.

O Dossiê Intolerância evidencia que após a popularização das redes, a denúncia sobre páginas com conteúdo racista aumentou significativamente entre 2010 e 2013:

A grande popularização das redes sociais nos últimos anos projetou mais evidência ao problema da intolerância. De acordo com dados da ONG Safernet, apenas entre os anos de 2010 e 2013, aumentou em mais de 200% o número de denúncias contra páginas que divulgaram conteúdos racistas, misóginos, homofóbicos, xenofóbicos, neonazistas, de intolerância religiosa, entre outras formas de discriminação contra minorias em geral. Números como esses provocam a sensação de que a internet é quem criou uma grande onda de intolerância. Porém, o que de fato ocorreu é que as redes sociais amplificaram os discursos de ódio já existentes no nosso dia a dia. (...) Chegamos à conclusão de que a intolerância nas redes é resultado direto das desigualdades e preconceitos sociais em geral, e não uma “invenção da internet” (Dossiê Intolerância, 2016, p. 14).

Seguindo a linha de pensamento da pesquisa, as pessoas são no mundo virtual um reflexo do que são no dia a dia. O racismo infelizmente se dá como uma cultura propagada durante séculos e, como já foi dito, não é algo exclusivo ou que nasceu nas redes sociais. Embora os dados sobre preconceito na rede sejam preocupantes, é preciso lembrar que o racismo e a intolerância existem desde os tempos da escravidão. As redes sociais apenas evidenciaram essa intolerância. O maior problema das redes sociais não é somente os atos de intolerância/racismo em si, mas também o compartilhamento e a reprodução de um pensamento totalmente diferente de uma sociedade considerada democrática. Isso podemos perceber no caso da Maria Júlia Coutinho. Vários comentários se reproduziram, evidenciaram o ódio e preconceito de pessoas sem tolerância com o próximo.

O fato das redes sociais serem considerados um ambiente livre, talvez seja o maior trunfo dos criminosos que cometem esse tipo de ato intolerante. Pois a internet é considerada um mundo virtual onde o que acontece nela não interfere, ou não traz consequências, no mundo real. Engana-se quem pensa dessa forma. No caso da Maju, pelo menos um dos criminosos foi preso. Isso mostra que alguns dos crimes de racismo cometidos na internet não ficam impunes. E não poderia ficar, porque racismo e intolerância na internet pode gerar a prisão de quem praticou o crime ou compartilhou as ofensas. De acordo com a Agência Senado<sup>14</sup>, a proposta para punir quem comete o *cyberbullying* partiu do senador Paulo Paim (PT-RS), na PLS<sup>15</sup> 80/2016, aprovado pela Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH), no dia 15 de junho de 2016. Quem for acusado de cometer crime de preconceito por cor, raça, etnia, religião ou nacionalidade, na internet ou em outra rede de pública, pode pegar pena de dois a cinco anos, além de multa. A proposta do senador também prevê a interdição de mensagens ou páginas de acesso público por parte do juiz.

### **Por que analisar a #somostodosmaju a partir de usuários do *Twitter*?**

Os ataques de ódio e intolerância sofridos pela jornalista não conseguiram superar a quantidade de comentários positivos contra todo e qualquer pensamento de superioridade. Muitas pessoas deixaram mensagens nas fotos do perfil da Maria Júlia Coutinho no *Facebook*. Entretanto, foi no *Twitter* que o caso gerou maior repercussão. Os usuários compartilharam na época a *hashtag* #somostodosmaju, criada pela equipe do Jornal Nacional em apoio a jornalista. No dia 3 de julho de 2015 esse foi o assunto mais comentado no *Twitter* e chegou a liderar o topo do *trend topics* da rede. Esse foi um dos motivos que levaram a escolha do *Twitter* para ser analisado nesta monografia.

Outro motivo que levou a essa escolha, foi o fato do *Twitter* ter sido a primeira rede social a utilizar a ferramenta. Além de que a #somostodosmaju continuou sendo replicada meses após o ocorrido. Geralmente, quando os internautas querem falar sobre assuntos referentes ao preconceito racial é a #somostodosmaju que eles utilizam. Isso mostra que o caso continua tendo repercussão.

Mas será que mesmo a *hashtag* #somostodosmaju contribuiu no combate ao racismo? Aqui vamos analisar o uso da #somostodosmaju no *Twitter* e sua eficácia. Para isso, foram selecionados 88 *tweets*, publicados entre 3 de julho de 2015 e 28 de março

<sup>14</sup> Material disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/06/15/comissao-aprova-prisao-para-crimes-de-racismo-e-discriminacao-pela-internet> > acessado em: 22 de agosto de 2016.

<sup>15</sup> Projeto de Lei do Senado.

de 2016, de vários usuários, escolhidos aleatoriamente, e pesquisa virtual realizada com 131 usuários de redes sociais, para entender a contribuição da #somostodosmaju na luta contra o racismo, através da aplicação de questionários.

### **Usuários contra ou a favor da hashtag?**

A reprodução da *hashtag* #somostodosmaju teve o mesmo papel influenciador que os comentários negativos contra a jornalista. A *hashtag* se multiplicou diversas vezes, como uma cadeia de nós, onde um usuário influencia outro, que replica a *hashtag* e reproduz determinado pensamento positivo ou negativo. O fato da #somostodosmaju ter sido replicada centena de vezes durante 8 meses após o início dos ataques, como modo de discussão no *Twitter*, evidencia que a rede social é um meio de interação e transformação social. Pois através de publicações os usuários tentam modificar certos comportamentos de outros usuários.

As pessoas utilizam o *Twitter* como palco para falar sobre temas que muitas vezes não são discutidos nas ruas/em protestos do mundo “real”. Na verdade, a #somostodosmaju se coloca como um desses movimentos sociais que, ao invés de ser levado para as ruas e atingir um determinado grupo de pessoas da localidade, é levada para o mundo inteiro por meio das redes sociais. A mobilização pode ser muito maior virtualmente, resta saber se os resultados são tão impactantes ou eficazes quanto uma manifestação realizada nas ruas. Mas é certo que elas estão transformando o modo de discutir determinados assunto, como afirma Moura (2014):

Protestos iniciados na rede e inteiramente articulados através das novas tecnologias de comunicação evidenciam, a cada dia, que estas tecnologias não são apenas ferramentas de descrição do mundo. Elas são formas novas de criação e desconstrução da realidade. Quando alguém atua por meio dessas chamadas "redes sociais" não está simplesmente reportando algo, mas está também gerando, engendrando, transformando o real - alterando, de forma inédita, o ativismo político e social e os modos de participação no discurso (MOURA, 2014).

Mas se de um lado os indivíduos utilizam a ferramenta para o ativismo político e social, há quem tente elevar a autoestima de pessoas negras, como observamos em determinados posts que incluíram a #somostodosmaju (nos 140 caracteres que o *Twitter* dá ao usuário). Algumas pessoas também fizeram críticas a TV Globo, idealizadora da #somostodosmaju. Como os exemplos abaixo, onde as internautas criticam severamente a Globo criar uma campanha contra o racismo e não seguir, na prática, os fundamentos da igualdade racial. De todos os 88 tweets coletados, 35 utilizaram a #somostodosmaju

para falar sobre igualdade racial. Já outros usuários, cerca de seis, acreditam que a *hashtag* de apoio não irá resolver os problemas sociais enfrentados pelos negros e outros seis internautas utilizaram a *#somostodosmaju* para criticar a Rede Globo, emissora que lançou a *hashtag*.

### ***#somostodosmaju* COMO LUTA CONTRA O RACISMO?**

A aplicação de questionário, produzido por meio do *Google Forms*, para comprovar ou não que a *#somostodosmaju* ajudou na luta contra o racismo foi realizada de 10 de agosto de 2016 a 25 de agosto de 2016, nela 131 pessoas deixaram suas respostas sobre o que pensam do uso da *hashtag*, de acordo com as oito perguntas elaboradas com suas respectivas opções de resposta.

Dos 131 usuários que responderam à pesquisa, 40 tem idade superior a 30 anos; 38 pessoas têm entre 22 e 25 anos; 28 internautas tem entre 18 e 21 anos e 25 pessoas têm entre 26 e 29 anos. A maior parte das pessoas que responderam ao questionário, utiliza quatro ou mais redes sociais (44,3%); 27,5% é usuário de três redes sociais; 19,1% utiliza apenas duas redes sociais e 9,2% uma rede. Grande parte dessas pessoas navegam com mais frequência no *Facebook* (82,4%); 10,7% usa com mais regularidade o *Twitter*; 5,3% prefere ficar conectado por mais tempo no *Instagram* e 1,5% em outras redes sociais. Boa parte dos usuários de redes sociais que responderam à pesquisa passam várias horas do dia conectado à internet (51,9%); 26,7% passa pouco mais de uma hora por dia e 21,4% nunca se desconecta, passam o dia inteiro navegando pela internet.

Dos entrevistados, 69% acredita que a *hashtag* *#somostodosmaju*, criada para apoiar a jornalista Maria Júlia Coutinho, vítima de ataques racistas no *Facebook*, contribuiu sim para o debate e combate ao racismo; 24% acredita que a *hashtag* não contribuiu para esse fim; 5% não ficou sabendo do assunto e 2% outros. Quando perguntados se chegaram a utilizar a *#somostodosmaju*, 82% dos internautas afirmaram não ter usado; 17% usaram e 1% outros, desses um usuário respondeu que não, porém ele acredita que as campanhas contra o racismo “são de grande importância para o combate do mesmo”, já um segundo internauta que marcou a opção “outros”, informou que só ficou sabendo do caso muito tempo depois. Dos internautas que utilizaram a *#somostodosmaju* a maior parte publicou a *hashtag* no *Facebook* (41%); 25% utilizou o *Twitter* para propagar a *hashtag*; 2% usou o *Instagram* e 32% outros.

Quando questionados se as redes sociais ajudam a debater com maior facilidade assuntos relacionados a questão racial, 38% disse que sim; 2% não acredita nessa facilidade; 2% escolheu a opção outros e a maior parte dos internautas (58%) afirma que acredita nessa facilidade que as redes sociais proporcionam para debater o tema, todavia o debate nas redes é superficial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O preconceito racial sempre esteve, de alguma forma, ligado ao nosso dia a dia. Desde os primórdios da sociedade brasileira ainda quando a família real portuguesa desembarcou em nosso país, os negros sofrem com o racismo dos brancos, que naquela época era a maior parte dos brasileiros. A discriminação racial contra pessoas negras ainda é considerada um assunto irrelevante em nosso país, pois o Brasil é considerado o país da igualdade racial, onde um negro pode ocupar a mesma posição socioeconômica, por exemplo, de uma pessoa branca. No entanto, os estudos aqui abordados comprovam que vivemos em uma sociedade totalmente racista, mesmo com os negros sendo a maioria da população eles ainda são tratados como minoria inferiorizada.

Infelizmente o país das miscigenações raciais e culturais diferentes ainda está em busca da igualdade entre negros e brancos, em todos os aspectos da sociedade, como mesmas opções de acesso à educação, ao trabalho e moradia. Os negros ainda buscam se afirmar como um indivíduo que tem cultura própria e que deve ser considerada como tal, sem discriminação. Os negros brasileiros estão em busca do seu espaço de autoafirmação, para mostrar que eles são pessoas como qualquer outra e que possuem os mesmos direitos que o restante da sociedade. Mesmo alguns negros tendo assumido uma posição de relevância na sociedade brasileira, os preconceituosos procuram alguma forma para menosprezar essas pessoas que quebram todas as barreiras impostas pela sociedade branca e elitizada.

Uma das ferramentas que os racistas e preconceituosos encontram para expor pessoas negras, ofender e inferiorizar, é um dos lugares mais utilizados por todos nós nos últimos anos, as redes sociais. Basta uma foto e um pensamento maldoso para desencadear uma série de ataques ofensivos contra uma pessoa negra. As redes sociais ao mesmo tempo que facilitam a vida de muitas pessoas e ajudam a abranger negócios e fazer novos amigos à distância, facilita também, a propagação de ataques racistas. Ataques esses que já aconteciam fora do ambiente virtual, porém ficava circunscrito ao momento em que era realizado. Nas redes sociais, esses ataques passaram a se propagar

e a trazer mais prejuízos emocionais para as pessoas que são vítimas desses comentários. Os criminosos se aproveitam da facilidade em criar um perfil nas redes sociais, sem nenhum critério avaliativo ou valor de adesão. Essa facilidade torna as redes virtuais lugares perfeitos para que indivíduos mal-intencionados possam criar uma conta anônima para proliferar seus ataques preconceituosos direcionados a pessoas negras ou a uma pessoa negra em específico.

Foi o que aconteceu no caso da jornalista Maria Júlia Coutinho, onde aqui foi exposto o caso. Ela foi vítima de criminosos que utilizaram perfis fake (falso) para ofender sem pudor a jornalista em rede mundial. Pessoas de vários estados ficaram a par do caso. O caso da jornalista mostrou que nem mesmo uma mulher negra que conseguiu o seu lugar na sociedade da falsa democracia racial, está segura de ataques racistas. Por ser uma figura pública, as ofensas a “garota do tempo” trouxeram grande repercussão, como pode-se observar neste trabalho. Muitas pessoas famosas e populares começaram a falar sobre o racismo e pediram uma sociedade menos violenta e mais semelhante.

As manifestações de apoio a Maria Júlia Coutinho correram o país e geraram uma onda de tweets sobre o racismo, evidenciando que o Brasil é, de fato, um país extremamente racista, no qual pessoas acreditam ser superiores a outras devido a sua cor. A *hashtag* criada em apoio a jornalista foi uma forma de mobilizar os brasileiros para voltarem as atenções a questões raciais. Foi por meio da *#somostodosmaju* que muitos internautas manifestaram sua indignação e insatisfação com a sociedade brasileira. Por esse motivo, e devido à grande repercussão que a *hashtag* obteve, sendo replicada oito meses após o caso da jornalista, e a efetividade no debate do assunto, acredita-se que a *#somostodosmaju* contribuiu claramente para a luta contra o racismo. Percebemos que as manifestações virtuais e a *hashtag* são de grande importância na luta pela igualdade racial. Esse fato ficou evidenciado, também, na pesquisa realizada onde 69% dos usuários, que responderam ao questionário, acreditam na efetividade da *#somostodosmaju* no combate ao racismo. As manifestações nas redes sociais são um complemento as manifestações realizadas nas ruas, com faixas, cartazes e autôfalante. A tendência é que cada vez mais as redes sociais se tornem ambientes para a mobilização social e construção/replicação de ideais.

Através da coleta dos *tweets* que utilizaram a *#somostodosmaju* e baseado em pesquisa realizada, pode-se confirmar que, a *hashtag* facilitou a discussão do racismo, embora 58% dos internautas acreditem que o debate é, em grande maioria, superficial.

Percebemos também que apesar das redes sociais evidenciarem os ataques racistas com mais frequência, ela mobiliza a sociedade para construir debates que visam acabar com o preconceito enraizado no Brasil e embora o debate seja superficial, ele não pode ser considerado momentâneo, pois uma vez publicado na internet ou no *Twitter*, a *hashtag* permanece no mundo virtual, e diferente da luta presencial, basta um clique na ferramenta “buscar” para colocar na roda de discussão assuntos passados. Portanto, é possível afirmar que a *#somostodosmaju* contribuiu na luta contra o racismo a pessoas negras.

## REFERÊNCIAS

COMUNICA QUE MUDA – Nova/sb. **Dossiê Intolerâncias Visíveis e Invisíveis**. Disponível em: < <http://www.comunicaquemuda.com.br> >. Acesso em: 16 de agosto de 2016;

**DECLARAÇÃO SOBRE A RAÇA E OS PRECONCEITOS RACIAIS**. Adoptada e proclamada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura na sua 20.<sup>a</sup> sessão, a 27 de novembro de 1978. – artigo 2;

DUARTE, Rosana Beatriz Sampaio. **A internet como meio de propagação do racismo afro-brasileiro**. 2006. 45 f. Monografia – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006;

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Garcia Lopes Louro. – Rio de Janeiro: Lamparina. Ed. 12, 2015;

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. – Porto Alegre: Sulina, 2002;

LEMONS, André. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia** / André Lemos e Pierre Lévy. – São Paulo: Paulus, 2010. – (Coleção comunicação);

MOURA, Fernanda Costa. **Proliferação das #hashtags: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos**. Ágora: Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982014000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000300012) . Acesso em: 2 de agosto de 2016;

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. – Porto Alegre: Sulina, 2009;

SEYFERTH, Giralda; et al. **Racismo no Brasil**. – São Paulo: Petrópolis; ABONG, 2002;

WANZINACK, Clóvis; REIS, Clóvis. **Cyberbullying e violência na rede: relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná**. In: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Rio de Janeiro, 2015.